VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

MANADA DE ORVALHO

(Tropel de relva ou Sílaba de abelha)

Só a álgebra do tempo
resolve o passado
e questiona o futuro.

apenasvital@gmail.com
https://www.facebook.com/USINAVCA/

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio ou processo sem a devida autorização do autor.

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa:
CriAArt - criaart@hotmail.com

Conselho Editorial:
Docentes da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul/FAMASUL (Palmares/PE):
Admmauro Gommes
Gleidistone Antunes da Silva
Marcia Maria da Silva
Maria das Graças Santos (revisão textual)

Seleção de textos, Coordenação Editorial e Revisão:
Admmauro Gommes
Prefácio de: Amanda Araújo

FICHA CATALOGRÁFICA

Araújo, Vital Corrêa de, 1945 –
MANADA DE ORVALHO (Tropel de relva ou Sílaba de abelha. / ARAÚJO, Vital Corrêa de
Aracaju: Criaart, 2021.
140 p.

1. LITERATURA BRASILEIRA 2. POESIA PERNAMBUCANA. 3. POESIA ABSOLUTA. 4. CRIAÇÃO ARTÍSTICA 5. BIOGRAFIA DE VITAL CORRÊA DE ARAÚJO.
I. Título

ISBN 978-65-87230-11-5

Impresso no Brasil – Abril 2021

ÍNDICE

(D) O SILÊNCIO COMO....24
13 POEMAS....47
5 POEMAS....45
A NAZIM HIKMET....80
A SOLILOQUIAR VOU....69
A ÚLTIMA LUZ....82
À....54
ABYSSUS, ABYSSUS....25
ÂNFORA EFÊMERA....107
AO ÊXTASE....90
AOS DOCES OLHOS DE DULCINEIA DEL TOBOSO....37
APELO....66
AVE, CARONTE....51
BASTA....53
CÂNTAROS DE SOM....108
CARIDADES RUIDOSAS....61
CINCO POEMAS EM PROSA....60
CINCO TERCETOS DE PALMARES....39
CRÔNICA LÍRICA....83
DA MORTE DO NOME....96
DA SOMBRA....52
D'ÁGUA DIGO....35
DECIBÉIS DE ROSAS....59
DESCRENÇAS....109
DEZ MONÓSTICOS VITAIS....120
DO NOME VITAL....95
DO NOME: DE NOMINAÇÃO....95
DOIS POEMAS SEM DESTINO....20

DOR OU AMOR?.....119
EPIGRAMAS COM FIGURAS.....87
ESCOLHA LEITORA.....50
ESTAÇÕES DO ESPÍRITO.....100
ESTAR.....29
ESTRANHO OLHAR ESTRANHO.....98
EXORTAÇÃO A MÚSSIA.....78
FIDUCIÁRIAS.....68
FRASES DA OBRA.....74
GRITOS DE ÁGUA.....18
ÍMPETO POEMA.....81
INVENTÁRIO CRÍVEL.....34
IR AO VOO.....61
IRA DO ABISMO.....101
IRREDUTÍVEL POEMA.....27
JARDINS DA URBE.....73
LEGIÃO ANGÉLICA 2.....30
LIÇÃO DE ABANDONO.....31
MEU CORAÇÃO CROMÂNTICO.....36
MÔNADAS DA PALAVRA.....91
MORTE BRANCA.....29
NADA TUDO.....49
NOTURNA MÚSICA.....72
NOVAS MÔNADAS.....89
O POEMA DECLINA.....120
O POEMA.....19
O RIO LENTO E VORAZ DO TEMPO.....65
ÓS.....73
OUÇO.....75
OUTRO POEMA DAS VISÕES.....93
PIEDADE DE CÁDMIO.....21
POEMA AMANHÃ.....64

POEMA DE AMOR VITAL.....98
POEMA DO ÁGIO DAS HORAS.....22
POEMAS DAMOR TRISTE OU
MORTE DOS OLHOS.....111
POEMAS DE MAIO.....40
POEMAS I.....55
POEMAS II.....56
POIS.....62
POMAR DO APOCALIPSE.....66
POR QUE ESCREVO POEMAS.....63
PORMENOR DE TERREMOTO.....58
QUATRO POEMAS SOBRE POEMAS.....28
RITO E ACASO.....106
SANTA INSÔNIA.....79
SEIS MONÓSTICOS.....54
SENTIMENTO OU ABCD DE RELÂMPAGO.....32
SÍLABA DE ESTRELA.....110
SITUAÇÕES NUAS.....76
SOMA.....77
TARIFAÇÃO DE POEMAS.....92
TERCETOS EM RISTE.....15
TESTEMUNHO.....103
TODO TODA.....48
VERBAL MOEDA.....80
VERDADE.....55
VIAGEM DE VISÕES.....75

ABSOLUTA RENDIÇÃO

Amanda Araújo[1]

Poetizar é, de certo, um ato genuíno de proporções inimagináveis, escrever com ternura ou revolução, amor ou gore, o timbre do poema pouco importa, transcrever pensamentos para o papel é, por si só, um ato extraordinário e passível de loucuras sãs. O poeta é um mero refém aprisionado em suas ideias, à mercê do colapso de pensamentos que turva sua mente, e a Poesia Absoluta surge na literatura como uma espécie de Habeas Corpus dos limites impostos por leis de métricas, rimas e ritmos.

Quando conheci a P.A., através do poeta Vital Corrêa de Araújo, tive um pouco de estranheza, afinal, ia de encontro a tudo que eu compreendia por poesia, "jogaram pro alto as pilhas de papéis sobre tudo que aprendi", pensei, ao ler alguns versos de Vital, tão irreais e sem nexo. Mas, não, a Poesia Absoluta não é um 'contra' mas um além; a curiosidade foi inevitável ao perceber que eu conseguia, sim, escrever um estilo de poemas diferente de todos que eu estava habituada, e conseguia viajar no mundo paralelo que criava em minha mente, podendo usufruir das mais diversas formas e sentidos que um único verso pode exalar e

1. Escritora, poetisa e crítica literária com ênfase na Poesia Absoluta. Nascida em Brasília - DF (1997), atualmente residente da cidade de Tamandaré - PE. Acadêmica em Letras (UFPE), possui publicações nos livros O Futuro da Poesia, DNA Educação, Rumos da Educação, Caminhos da Educação e Deztinos.

que um único poema pode transmitir. Me vi de mãos atadas e totalmente entregue quando pude compreender que a poesia absoluta é incompreensível, fora de quaisquer expectativas e suposições, o modelo da P.A. de Vital se move através das impossibilidades, da multiplicidade, do singular mútuo, do completo vazio e palavras silenciosas. Não é o que se lê em poesia, mas o que se pensa ao se ler a poesia. A sensação de ler um texto completamente novo ao fazer uma releitura não se limita somente ao leitor, quem escreve a Poesia Absoluta sente que, talvez, tenha fugido totalmente de sua linha de raciocínio ao reler o próprio poema, há uma certa nostalgia, um sentimento de *déjà vu* de um verso antigo com novas essências.

Ponderar a poesia é limitá-la, isso é fato, em nossa literatura podemos contemplar nos versos do poema "Tateio" de Hilda Hilst, ou em "Os deslimites da palavra" de Manoel de Barros o limiar da P.A., textos com ares futurísticos que ainda pouco são apreciados por nossa geração. Impactante e nada coesa, a P.A. nos instiga a busca por novas projeções, por possíveis compreensões, em grandes proporções.

Amanda Araújo

Escritora, poetisa e crítica literária com ênfase na Poesia Absoluta. Nascida em Brasília - DF (1997),

atualmente residente da cidade de Tamandaré - PE. Acadêmica em Letras (UFPE), possui publicações nos livros O Futuro da Poesia, DNA Educação, Rumos da Educação, Caminhos da Educação e Deztinos.

VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

MANADA DE ORVALHO

(Tropel de relva ou Sílaba de abelha)

Parte I – Brisa afogueada

Quando escrevo sinto delírios de abelhas.

TERCETOS EM RISTE

No aquário escuro
peixes cegos, ecos azuis rompendo líquido espelho
olhos de água cadabra.

A nudez da voz
o grito no chão
a pedra do caminho.

Música de sal
da ponta de onda
chave do vento entoa.

(O censor olhou-se
no espelho e censurou-o:
que horror!) CDA

Habitar o silêncio
Esse monge
Que o grito escande.

Bateio o id
do ego extraio
submersa culpa (ápice).

Sapo obstinado descobre
poço de estrelas náufragas
na nostalgia do brejo.

Sal me salva
do escuro insípido
tempera a alma.

(Lava, escorre, agita
a areia. E enfim na bateia
fica uma pepita).
Guilherme de Almeida

Caos soa confuso
multiplica ecos desmesurados
fractálica criatura esquadrinha.

Rã pensa
lua olha do tanque do céu
mergulha de cabeça no limbo.

Hora ama átimo
tempo gasto de trapo
espaço ocupa sítio.

Cão profundo
à lua rosna
do céu escampo.

Atravessou a praça
entrou ovação adentro
boiou da voz tribuna a utopia.

Luz do sal
ração do espírito
esse escuro intrépido.

Líbélulas pululam
da alma da pétala
ulula primavera.

Da macia luz das fezes emana
brilho do esgoto que incensa
resplendor da fossa.

(Lençóis estendidos ao sal
varal de almas sedento estendidas
a saciado vento da carne aberto)

Dorme o rio
num leito líquido incerto
acorda-o supimpo madrigal de pássaros.

Materna dor mármore arma
piedade olhos alaga
filho esculpe a eternidade.
Amo ao esmo
e ao léu
abandono a mim.

GRITOS DE ÁGUA

Da triste fila dos ciprestes
branco silêncio e bola
velho túmulo vital arrotando.
Olhar de silêncio auspicioso
indicava fim do olfato
perda de sentido.
Engrenagens abertas do labirinto
escuros intestinos e novela dos
entre úmidos muros
catracas feridas.
Dos meandros frios vinha
uivo podre.
Rodas do destino em riste viraram moedas
trágicas.
Oráculos desdentados
de suas ulceradas gargantas
mugidos da dor de ser vieram
sem previsão de alívio.

O POEMA

De mínimos mundos, cismas infinitas
de assertivas escuras e oblíquas intrusões
de minúsculas mandíbulas verbais carnívoras
de atentas minúcias e íntimas nuances
é o poema.

E tudo conduzido por palavras não adestradas
sinceras ou não... mesmo pretéritas.

A esmo atiradas a súbita página
a jorros caudalosas imagens ocupando
toda a quarta margem da alma.

Tanto parco quão quanto
meros cosmos são o poema.
Tanto porco vão quanto
aleluia de insano metal.

Abandono que carregue cansaço
tédio que nutra velho sonho
veia que o si inflame infle o ser
som que atenue medo nu
sono que dos olhos descambe
instigando vigília da pupila
tudo é poema.

Pugna de tigre e verbos
comboio de cães baldios
viralatando por escusas avenidas do espírito
a latir... é o poema.

DOIS POEMAS SEM DESTINO

Duendes não têm sono (e sentido)
nem navalhas nos olhos vândalos
ou lume na sonâmbula clavícula
têm dois dês e dois és, uma efígie antiga
e uma fábula noturna (de passos passados
no rastro do tempo emboscado no rio da veia)
incrustada no páramo dos dias perdidos
no couro das noites nuas de abril, magnos
ácidos que dissolvem mais sutis capítulos
da culpa redoma dos homens
(lançada do misterioso cartório de Deus).

Olhos cônicos
Acampados no chão volúvel
vítrea luz do vitral
(coalhado no esôfago do ego
desmaiada sobre tarde dos homens)

Gozozo pó
céu cabal, sina canônica
alucinado muro que cobre
branco escombro
muda ruína dos objetos
atônitos e inúteis atos
não descobrem esse véu sem ventre.

PIEDADE DE CÁDMIO

Rosa pertence ao campo
formosa flor de pânico
dor pertence ao horto
doloroso porto da humana incúria.
Ao pomar pertence sombra do fruto
e suas crises de verdura agônica
cobiça pertence ao ouro
espírito não bastam
cem hortas de tório (deletério)
nem jardas de bário envergonhado
resta-nos o salvífico
lírio do pântano manipulado
por fármacos civilizados.
TENDE PIEDADE DE MIM, CÁDMIO.

POEMA DO ÁGIO DAS HORAS

O coração da porta
a carnadura de eternidade
cômodo e basto infinito.

Universo parindo (luzes garimpadas)
dentro do tiroteio das estrelas geminando
o interior cinza da quarta-feira
quartetos decrescendo, tercetos arredondados
e monturo de verdade fermentando
na fenomenologia indecente dos gerúndios
estrebarias que Áugias abandonou
no auge arbitrário dos trabalhos e das noites
hércules de esterco amontando luas na dor
o incêndio das túnicas, o crematório heroico
o derredor da pausa, o gozo do hemistíquio
o canteiro de mênstruo da aurora
a carnificina do amanhecer
a perturbadora presença (ou ausência) de Deus
(no poema e na carne)
a incrédula estação do óbvio
o trem que ulula estrelas
encarrilha-se ao rosto de galáxias indomadas.

A incômoda verdade passeando no lábio
bailando na saliva do anoitecer

crepúsculos de lata enriquecendo o lixo
no metálico ocaso do ocidente cremos (poeta e detratores)
no sabor mortal da linguagem
dental aliteração, bilabiais gemendo
semeadas no lodo das sílabas
a metáfora do porto errante
da nave erma (do estado morto)
no mar eterno da sede deserta
o cais escatológico amanhecendo
o metrônomo surdo da alma quebrado
o verso resfolegando, como turbina desolada
engrenagem agonizando, usina desesperada
sua víscera rimando com monturo
ou malícia do mundo depauperado
os músculos da janela enfraquecida
expostos aos emolumentos da injustiça.

(D) O SILÊNCIO COMO

O silêncio (se) consome
Como grito ou sombra
rói o gesto
acaba a presença
gasta a si mesmo, gesta-
se e se severo some
em sua essência sem óbice
silêncio se consuma
como grito ancião cego
velho que maltrapilhe
haste do seu princípio que é ausência.

Véus surdos de pó vivem
(d)o vozerio do que é uivo e incenso.

Silêncio vige
como pélago no profundo
silêncio assoma
à pele da superfície (rumor da tona).

ABYSSUS, ABYSSUS...

No início foi o abismo como é o fim.
abyssus, abyssus... abismo nu, treva resplandecida
como párias dos últimos e soberbos capítulos
seda esgotada ante maciez do ralo devoluto
vasos para gozo da aridez plena cíclica
a demasia louvando a soberba...
e tudo escureceu num átimo físsil de luz
mais suando o céu caiu, desabou
o toldo alto, bastilha mor, última e vasta
muralha da piedade e certeza dum porvir redondo
aérea pilastra em forma de travesseiro
côncavo felibata se arrebata
arrebata credos e as mais vivas garantias
apostásicas apostas descaucionadas...
E o homem levanta-se do chão sem um balido ou pena
a riscar fronteiras, beber crustáceos
suprimir mordomos, a se impor limites
a bondades passageiras e ordem convivial. E
desregramento à maldade.

As bordas do abismo humano eram rancorosas
além de inóspitas e rastejantes.

Tudo ainda fumegando como um perdão
perdões curvados. hóstias decapitadas.
Hordas de deuses superados percebiam-se
como sombras ou gritos esfumaçados.
Demônios brancos lamentavam sina escura.

Dos círculos dantes vazios, solitários
cones infernais avultaram, começou logo
a proliferar ovos e válvulas de ódio
além do oblongo partejar inexorável
de cubos evanescentes embora neutros
a devorar tangentes.

E cadeados a apresar triângulos
eram vomitados como martelos
ao redor da deriva do último leprosário

Vírgulas a morder a cor dos parágrafos
a sílabas voluptusas aliadas
junto a hiatos crus irreticentes
paralelos a luminosos cogumelos
a outros ávidos fungos abraçados.
(cena acre e crua).

IRREDUTÍVEL POEMA

Cristal irredutível
a grito de luz
a átomo do espírito
a vítrio fulgor do gesto
a mágico rigor da água
a alguma molécula do tempo
a um espasmo do ar nosso
(núpcia de pena e tinta
abraço de céu e treva
num enlace da palavra argentina)
poema, cristal irredutível
a uma harpa de orvalho
a uma seiva de granito
a um sopro de barro
(um cálice de basalto recolhido).

(Poema, íntimo humo favo
fôlego sem limite do verbo
corpo de palavra, antro do espírito).
(Ainda que sonhes
não verás o sangue
do cristal ferido)

QUATRO POEMAS SOBRE POEMAS

Poemas, sulcos escavados da veia da alma
do coração do grão messe rebentada
vezes entreabertas como as coxas do céu
lírios que grassam na página (horto de papel)
extrema substância da palavra.

Flechar interior sagrado
com fé zen, fuzis
do gesto afiar
na pedra de amolar a alma
alvo do corpo
quadrado do id amaro.

A Sede apura lábio
celebra o árido
com sutileza da seda
que roçava a alma
da palavra poema.

A súbitos olhos pertence brilho
evadido do céu para o barro
da célica argila para etérea terra da palavra

MORTE BRANCA

Quando se interrompe o branco
(ou rumor negro o atravessa)
greda chora
(o grito se transfigura em água panda
amara da doce lágrima humana)
celebra a náusea (mais árida seca da alma)
gesto parvo do morto branco
defrauda a existência das válvulas
do coração solitário.

ESTAR

Sílabas movediças
na alma nevoenta da palavra pântano
(eclesiástica
e trêmula haste sustenta nele o junco).
De ânimo úmido pantanoso signo
como poema de ásperos vocábulos
abúlicos ubais (fugazes como urze)
ricos de hiatos, óbices, baunilhas e contraltos
a desdobrar outubros nas fagulhas asiáticas
(sarjetas ideológicas comungadas a casamatas)
que leio dos irados olhos do tempo coados porque
entre o suicida reflexo do real
e a verdade ébria do mundo estou.

LEGIÃO ANGÉLICA 2

Pagajosos anjos sitiados de rosas e alumínios
de feições otônicas e branco luxuriante
se encontram no poema (ímpio nome, lugar atro).

Legião dos anjos (branca e ávida)
era enxame surdo
trama da manhã dura (áspera, nua)
intrincada luz páramo golpeia (céu de pedra)
(fios de sol sorrateiro acantonam a alma)
cego ruído de hínicas abelhas tecido povoa
(enquanto rastros de Deus se alastram
pelos êmbolos das asas).

Manhã anjo transparente
que touro do verão apunhada
de delícias velozes e vertigens brancas
lâminas do véu assacadas
contra fímbrias angélicas
abrindo gritos na página.

LIÇÃO DE ABANDONO

Águo olhar
joias de vidro mudo
árida lágrima do sol úmido
leão de ouro rompido
muro de areia desmoronada
mente de poeta
é pura de escombro
geômetra assombro.

Do páramo ermo das horas poema
leva a deserto de si mesmo (e a outro)
ração do imaginário imprecisa
cantil de lágrima dura
tempo além do cego pranto
odres de sal
léguas de sol
medas de sono
(e a úbere pedra ensina
abandono).

SENTIMENTO OU ABCD DE RELÂMPAGO

A
Relâmpago, esse relógio de fogo que Deus
esculpiu do céu, racha de luz
coivara dentada, greta celeste
aberta veia, célica clareiam
fulgor que assombra
rosto escasso de Deus
ensombrado no céu.

Relâmpago, rubi súbito, passageiro rubro
esculpido pelo olho de incendiário de Deus.

Ventre de cimitarra, foice de sol, fenda
sêmen centrípeto, rio vermelho, túnica luz de Deus.

Luz rasgada, cópula de elétrons
coito da eternidade com o infinito.

B

Luz da foz celeste
música de fogo raiando
da partitura do céu
oboé de luz de gritos vermelhos
palavra nascente, ígnea linguagem de Deus
útero de estrelas súbitas
fragrância de aço curvo
pústulas de abril célico
amaro aroma noturno
chibata da alma humana
temor incendiado, látego de fogo
relâmpago.

C

Dos olhos de Deus brotam
cegos grãos de ira, fervilham
máculas de luz, mandíbulas
de aurora, dores menstruais do céu
e de suas pálpebras jazo o balanço
entre a iniquidade do homem
e o silêncio celeste.

D

Fogo trêmulo do relâmpago
carbono assaltando o céu
entre minas brancas das nuvens
filão e escarcéu
(e a veia de um anjo singra o azul
calmo como a inocência do ser em si).

INVENTÁRIO CRÍVEL

Crível Inventário

sete sílabas de sal
nove ladainhas ermas
treze ângulos cegos
quinze anjos vândalos
e uma geometria azul.

D'ÁGUA DIGO

"O cervo é um vento escuro"

Estagnada água
goteja para o nada
assola céu coalhado
nuvens grávidas
salta sobre moendas de sal
como sapo da lapela das estrelas
e se persiste (o mó)
oca a pedra
greta abre na rocha
eterna da noite.

Rio (de almas e luzes) embosca a pedra
presa (íntegra) e a líquida em árduos samboques

e só cinzas de reflexos, eco
do porvir (vaso) trincado, salva

e se água sucumba a lábio estremece como
espelhos atraiçoados pelo som opaco (e inóspito).

MEU CORAÇÃO CROMÂNTICO
(Liricoetílico)

Meu coração está ébrio, delira
navega pelos escolhos da tristeza
à insone busca de qualquer parto bêbado (ou sepulto)
para abrigo de suas dores e medos.

Nave do meu coração embriagada gargalha
à louca proa dos sonhos velhos
porque os novos naufragaram
batidos pelos ventos do terceiro milênio.

Ele bêbado e alegre
como uma menina
atacado pela ilusão do brinquedo
que é a vida.

AOS DOCES OLHOS DE DULCINEIA DEL TOBOSO

Não são doces nem suaves
mas ásperos de amor e bondade
os castros olhos de Dulcineia
hispânicas tigelas de luz
os olhos da donzela Del Toboso
em que se recolhem e se demoram
gemas da paisagem e os cios de Quixote
ídolos que o sal manuseia
"e é neles que vou morar"
diz o senhor de La Mancha.

São os olhos de Dulcineia vasos
mais puros que sagrados onde durmo e guardo
sede de ver o mundo a cavalo
pelos caminhos de Espanha reinventados
passos espalhando por toda a infinita
voragem da eternidade.

São os olhos de Dulcineia prêmios
do peregrino espírito cavaleiro
de Triste Figura épico, lírico, inúmero.

São os olhos de Dulcineia além de doces

janelas abertas na alma eterna
jazidas de luz celeste e terrena
lugar e martírio dos desejos andantes
do viandante destemido e imortal.
São oceanos lascivos os olhos
da virgem Del Toboso
e nele bebo o púbis do mundo
por eles caminho como a luz no livro.

Ó dom e donzel
inocente e intrépido
indomável e livre
Cavaleiro de todas as Espanhas
de pés cravados nos prados da eternidade
quem és, indaga Dulcineia?
eu sou imagem, vertigem e carne!

CINCO TERCETOS DE PALMARES

Caminho pela tarde imaginária
descendo de hunos e coivaras.
Das horas perdidas vestígios fumegam
nas absolutas avenidas da vida não me demoro.
A sombra do Porto (do Recife) se arrastava no
cais
e os ferros das naves pareciam efêmeros (grilhões).
Ao absurdo cotidiano do homem do mundo
à cata de usuras obesas e salvações vãs.
(Gaia para salvar-se prescindirá da vida humana).
Reino das Águias, 15/05/2014
ADENDO: A ordem é o caos e sintagmas
voam pelo meu peito como águias.

POEMAS DE MAIO

Quando à nudez de um relâmpago
ofereço os intestinos e todo o cio do corpo.

Tendo crido nas primícias e no duodeno
me espraio pelas pradarias do infinito
me transformo em estrela de pedra pômes.

Ladainhas de lata e cânticos de cobre lanço
(como vômito sobre o homem de hoje)
ósseos versículos escando, purifico
a palavra do abandono.

Do tinteiro das veias bebo
ácidos cúbicos e razões de ser nada.

E vivo da palavra (do barro do verbo) como
se das veias abrissem copos de claridade
arremessados contra os escuros vivos.

Atira a segunda pedra
a cada nervo da vida exposto como um ovo
de cascavel, a cada escuro que começa no olho
abismo que se abre em mim sozinho e sempre.

Sonho com entranhas de esmeralda
com vórtices de vertigem
com ágios doentes e dolosa sina
de não ser palavra inteira

à pele andante, a encadeamento de estrela
ao porvir sem fundo, à mortiça vida
madrasta como as centúrias
à escassez do verbo
e vulgaridade do mundo me sacrifício
e os maiorais me buscarão
em meu retiro de água utilmente.

O dicionário ímpeto morreu.

É tão vago, feroz e inútil o cotidiano
cinquenta anos vendo as mesmas novelas
ditaduras recrudescendo
o espírito desmamado
a tortura dos sentidos repetida no display
e o pior é nos sentirmos felizes
(infelizmente) nesse dia de fuligem
e nele essa devassa incomovente
inconsistente como a náusea ou o mercúrio
assim se vive como cão sob piedade
e quando a nudez nos abandona é triste.

Eis que à lauda dos ossos escavo (escrevo)
um poema sem data e sem pele
sem espelho, eis o gozo do veneno
que aplico ao corpo cotidiano (traste)
à alma velha e aos dividendos do dia
penúria ofereço (trapo de pária que sou).

E o balé do sangue seguiu
o teatro do açougue foi breve.
As margens desertaram, os rios
sufocados morreram esquecidos
de aridez e líquida ternura.

Vendo exposto os intestinos da begônia
sinto em mim a presença da natureza
todo o orgânico do corpo se transforma
em pureza (e cal de latrina pura).

À luz de cada gota (que desça da veia)
vejo-me folha levantina junto
a um cortiço de uruçus azuis.

O único som é o do sangue (golfando como lama).
A única estação é do inferno.
A mesada de dor.
E a moeda da vida que escoa.

Parte II - Ciclone bursátil

Justiça vale uma moeda
misericórdia duas
(nenhuma vale o coração).

5 POEMAS

Tigre de simetrias abomináveis
lua de coleira, tarde de orvalho inútil
grito etrusco, silêncio italiano
dor sarracena, mal de abelha louca
flor gótica, madressilva grega
selva do verbo, fogo e sal
vozes sânscritas, ave noturna ou sonâmbula.
Do luar lascivo de teus olhos loucos vivo
dilacera meu ser espasmo surdo
de tecido de tempo sobretudo.

Em maio vou a mim.

Palha de silêncio, fogo de grito, cinza de uivo.

Qualquer ângulo do abril meço.

Fresta de um instante na espessura das horas
se abriu cruelmente.

Paraíso infernal e inferno real.

Das cores e do opróbrio das noites

portador de tíbios escuros
coleciono caduceus azuis

NOTA
A vida se faz um abismo diário.

NOTA 1
Aos dráculas do tédio. A seu sangue monárquico.

SENTIR
Tenho vontade de não ser
do não ser compassivo e desalentador.

DESTINO
Do círculo das fezes ouço o amarelo sopro.

13 POEMAS

Vozes da água senti na alma
prendas de seda colhi de mágoa.
Era um sujeito sem predicado o poema.
Não creio em exatidão de lápides.
Lapido adjetivos antes da náusea do poema.
Rumo contra o verso ermo.
A cais varrido de tempestade vou.
A remos de maré, proa do vento
mandíbula de lata, pálpebra de tório.
Pênis de abelha, vagina de orvalho.
Lábios de pedra, boca de lado.
Lua de palha, esgoto de rosa.
Glande oval, cúbico testículo.

TODO TODA

Toda mordaça de grito
todo pecúlio de silêncio
e a saliência do infinito
acantonada num móvel.
Toda pustema é bela
todo panarício narcisista
toda erosão maravilhosa
todo eliot lido
toda crase abençoada
todo abismo vivo
toda natureza déspota
todo martírio inimigo
toda visão danificada
todo adjetivo maltrapilho
toda pose arcaica
todo ranger metálico.
(todo amor é fúnebre:
cessa antes de começar).

Toda crise socrática
todo infinito paralelo
toda lua alcalina
todo hiato catastrófico
toda direção ambígua

todo rumo político
todo halo límpido
toda pólvora capciosa
todo poema de fogo
toda diáspora desesperada
todo inócuo ubíquo
todo canto áspero
toda canção sem terra.

NADA TUDO

Tudo o que oblitera o frio
tudo o que desteça ou retorça o fio
tudo o que não principie sem o verso
nada de manjares nostálgicos
ou mortes insúbitas
nada de fúnebres jantares
ou quartas-feiras de cinzas
missas de centésimos dias
nada que reverdeça
tudo que anoiteça
ou úmidos brasões deliquescendo
nada de burguês apodrecendo na calçada
ou superados magnatas suicidando-se
com o nó das próprias cifras

nada como início das inflamações
ou respirações entrecortando-se
como lâminas cruas de enfisemas
ou ainda úmidas exceções
de regras purulentas amaciadas
tudo como cores ambíguas
beira de telhados e esqueletos de sabiás
gatos perambulando no escuro da cidade
pássaros engravatados
ou coisa tipo depois da morte
vem (correndo) a cura
nada de inteligibilidades poéticas
tudo como uma boa
beira de precipício ao meio-dia.
(ou soneca em cemitério diurno).

ESCOLHA LEITORA

Nada de grande se faz
Sem paixão. Hegel

Escolha de Pascal. Entre
o silêncio eterno do universo
e a angústia do infinito
entre

limitar a vida terrena em favor da eterna
ou gozar da terra e perder o céu.

E a tua, leitor?

AVE, CARONTE

Caronte, a sombra
dos que se vão conduz
diligente – com apuro mecânico
apontando pagos frios e tristes
aonde nos levará a preço
da sublinguar moeda
(pounds talvez, talvez eliots)
óbolo último, úmido, tártara tarifa
passagem à dor infinda, viagem da desdita
pelos turvos, graves e vãos
cinzentos caminhos do Aqueronte segue
comboio de sombras carregando
em barca de treva por laguna terrível
sombrio rio inefável afora
em direção ao nada...
ou rumo ao Absoluto.
(para vital lápide qualquer)

DA SOMBRA

A barca da sombra não tem âncora.

A sombra da morte é nua.

Caronte: nauta de mar sombrio.

E sua carga de almas pesadas.

Jung: no ID se alojam fatos, não teorias.

Pescadora de sombra é a vida.

Ego: ponte para o nada.

ID: continente de sombra perpétua.

BASTA

Basta de círios e câmaras escuras
de seres expectantes (de frágil futuro)
basta de relojoarias sonetísticas
e de climatéricos poetas.

Basta de abjures rosicleres
guardanapos intransponíveis
e leques masculinos
basta de gradeamento filosófico
de arabescos líricos
e ourivesarias retrógradas.

Basta de pulsões genitais
de armamentismos de rimas
de romanticismos anêmicos
de ambientes barísticos, tumbas de Julieta
e de hordas senis de adjetivos
desatadas nos leitos pós coitos-noturnos.

Basta de mefistotelismos estudantis
de paixões livrescas
dicionários de sexo
orgasmos retóricos
e de sonhos com vaginas de naílon
ou pênis de vinil.

Basta de cópulas virtuais
E de orgasmos digitais.

À

À vã brisa, à sede bruta
a loas doentes, à seiva férrea
às curvas da diplomacia e dos hipódromos
e ao inexorável veneno do absoluto.

Às álgebras do declive
e as complexidades do abismo.

SEIS MONÓSTICOS

Por ladeiras de corolas orvalho rola.

Édens dos aléns ainda intocados jazem.

Não existem beija-flores em Madagascar.

Profundos cântaros de sombra despejo no rosto
das noites.

Entranhas estrelas abrem o vocábulo de Deus.

Vaidade, desespero do orgulho.

VERDADE

Se fôssemos queimar
toneladas de falsa poesia
publicada no Brasil
a cada dois anos
o fogo eterno
seria insuficiente.

POEMAS I

Mas poemas são impotentes inacabados.

Reis taumaturgos manifestam a sacralidade
curando escrofulosos.

A fuga ama disfarces.

Destino dispensa máscaras.

A bordo do abismo voo.

Ao meu espírito, talvez frívolo, talvez profundo.

Diário de mim e do tempo vazio.

Devo ter por alma diamante ou labareda.

Duvido mesmo de minhas incertezas.

Não há mulher (sincera ou não).

POEMAS II

Na esquina invisível da próxima cidade
um anjo te espera com asas de fraude.

À fuligem dos gestos finais.

Às últimas declamações sem assinaturas.

Ao último desejo de uma noite de São João.

Nas tardes cansadas das praças senis

idosos dormitam asseados à espera
do nojo de mais uma noite sem anjo
que os agoure.

Sou o coração da treva poética.

Oblíqua mãe a loucura.

É preciso buscar na poesia a aridez suprema.

E ir além dos limites de toda pureza.

PORMENOR DE TERREMOTO
(OU RUMOR DE FERRO)

O meio-dia é pleno de sombras
que do trote da luz se geram
e pelos prados do céu da página
se completam.

O meio-dia é esférico como farinha
e composto por arestas de luz e castelos de evas
(como açúcar ou cônico osso de Cervantes).

Nenhum meio-dia é pleno, no entanto.
Nenhum meio-dia é curvo sobretudo.

É melhor, muito melhor e mais saudável
leitor elementar
não ler Poesia Absoluta.
Porque para ele é inutilidade sem graça
complexidade barata.

E é esférico como o tempo o poema
(que a leitor ridículo detesta).

DECIBÉIS DE ROSAS
(Ou noturno do jasmim)

Voz de mirra ergue-se além dos endoendros e da canela
um violino lambe madressilvas árduas
mirtos abraçam oboés
sonos auríferos percorrem aromas
da manhã no rosto das relvas estendidas
grito de sombra empalidece estrelas
bebo canções de jasmins em bicos de pássaros
madrigais de lírios urdem teus lábios
em tua face se enleia a lua
ode de lianas inunda-te o ventre
clarins coloridos acordam amantes
predicam pássaros no jardim monacal
e Lucila incute na noite sono das magnólias
decibéis de rosas.

CINCO POEMAS EM PROSA

Venenosos incensos esparges na pele e olhos da alma
de Lídia, colhes síncopes, hematomas íntimos intentas
e com mosaico de uivos constróis inteiros
portos de delírio onde atracaram balsas do desespero.

Teu rosto é pasto de máscaras, urdume de dores diárias
derivadas da desordem do mundo e do fumo elevado das coivaras.
Teu tempo cortam-no ampulhetas áridas, horas feridas
e cimitarras afiadas dirigidas a infiéis gargantas.

Da cova do dia grito ecoa pássaros
manhãs se enforcam, afundam-se sonhos antigos
e a eternidade se vai pelos ralos noturnos.

Os dedos níveos da aurora rasgam o coração
das coisas inocentes, o véu nupcial das nuvens
a copa tutora das árvores, tudo é bálsamo inútil
para os olhos, ilusão do coração.

ADENDO DESNECESSÁRIO:
(Se o romantismo nunca existiu
por que poemas tão banais atiçando-o?

IR AO VOO

Até ao longe azul voo.
À umbilical altura vou. Sem que
nenhuma claridade me capture o espírito curvo.
Bruscamente rompo as algemas e dores
de quaisquer manhãs sem tino liberto.
Ao entusiasmo noturno me devoto
a jaula do dia desprezo. À luz de
ressonâncias líricas me dedico. E com
cristalinas e profundas melodias do ocaso
me visto, delas me amparo... e vivo.
Selos do enigma noite abre
desolação definha.
A empenhos do amor e da morte
oponho vislumbre vivo da poesia.
Entre o ser e o nada sou... que serei.

CARIDADES RUIDOSAS

Caridades ruidosas não adiantam
nem a compaixão pelo outro pura e simples.
Filantropia só de lata reciclada
pois é podre...tropo de elite.
Não hipoteco contra moedas salvíficas.
Monologo com gritos... mas silêncio culpado
abomino.

Talvez haja épocas melhores... mas é nesta que
você vive. Então...
À beira da salvação está a perdição.
Testemunhe o colapso do seu mundo
mas não acredite em nave arrebatando.

POIS

Pois tudo está escrito (desde Malba Tahan)
ato a ato contabilizado
pecado a pecado, maléfico e maléfico maiêutico
nos borradores e currículos (portfólios irados)
nos livros das razões da ira de Deus (amém)
lavrados, atados, sem prece ou perdão.
A mim (e a ti, leitora inapta ou malvada)
resta noite sem fim
ardente, ínfera, fria noite
do gélido e agônico existir pós-túmulo
(quando a alma é despedaçada)
prêmio (lívido, esse adjetivo branco)
a teu alento subterrâneo.
Pois a noite abre
fruto do pesadelo
oferece esse hausto mau
cena estéril ao prolífero homem
(de alma pecadora por natureza)
improfícuo e condenado ad ovo.

POR QUE ESCREVO POEMAS

Faço poemas porque acredito em Deus
sei que Ele é inacessível
como o rosto da minha poesia
e não tem face nenhuma
(quanto mais as sete de CDA)
que te ofereça (em bandeja ou terrina)
à esquerda ou à direita nos dois sentidos da vida.
Deus é complexo, difícil, infinito (demais).
Com Ele jamais te depararás
em nenhuma esquina inóspita do tempo
(ante ou pós túmulo, antes e depois do alento).
Em nenhum prado, pomar, jardim ou crepúsculo.
Só na orquídea ou papoula que borboleteia
em teus olhos ou no de algum beija-flor distraído.
O céu (que é católico)
é exclusivo Dele e de Jesus
conforme a Bíblia – Sua palavra.
Éden, céu, campo elíseo, sheol, hades
tudo te será negado absolutamente
desde que o original Adão
foi defenestrado do paraíso
(por induzir Eva a comer maçã serpentuosa
que cairia no colo de Newton algum tempo
depois).
Esse recinto (dourado e pleno de manás gratuitos
E manjares divos, pudins brancos, cândidos
sumos)

vivo ou morto não haverás adentrá-lo
te será negado por serdes
demasiadamente humanos, e tristes. Está escrito.
(Que não fique nenhuma
palavra no limbo, que sobreviva poeta
que desembarque da estação do inferno).

POEMA AMANHÃ

Em torno do átimo redondo nos reunimos
o sítio das conversas em cestas e redes reunido
do convés das gavetas gravatas ancoradas
e a voz a retinir do silêncio ósseo
e os sons do súbito caíram como sedas
no centro da peleja atiçada
pela alma marítima do crescente lunar
em cheio sitiando o surdo diálogo.
Insone, insano, sem sono ou som
porque eram portadores do tempo homens
passados.
Para o que se quer ouvir o poema não serve.
Tudo para num átimo metafísico
publicar o íntimo.

O RIO LENTO E VORAZ DO TEMPO

A água ou não horária (o rio ou não cavalo)
solta-la para que não assole a aura
(de lento) a sala intemporal da alma
Atá-la para que não assalte a pressa
(que aniquile o verso). Domá-la até...
Se há frio no corpo
não há frio na alma da palavra.
Ambos são cúmplices do ser
e sempre se acasalam.
Cal e pátina não se fraturam
unguento e gozo se coadunam.
Carne do tempo
corpo da passagem.
Horas flutuando
do rio de pedra e sono
líquido trânsito, lírico antro.
Pois das correntes do tempo
vem o futuro das horas...
o rio leva ao futuro agora.
Tempo ósseo e de água.
O fluxo liberta a página.
A cárcere do tempo não se submete alma.
(Disse-o o miglior fabbro
ao discípulo exato e obstinado
ante obcecado e rigoroso horizonte
do verbo de livres asas).

APELO

Não me entendam, por favor.
Se não me entedio.
Meus poemas não são pour épater... e nada mais.
Ou menos, tanto faz.
Faço poemas para mim (o outro mesmo).
Primo entre os pares fluo banalmente
com a palavra em haste
erguida contra céu em riste.
Sem deméritos comigo mesmo
e sem benemeritismos inóspitos.
A prima face do meu poema doo a Narciso
premier dos príncipes lacustres.

POMAR DO APOCALIPSE

Tratos primários, rios intestinos
atmosfera em fúria, decibéis úmidos
elementos revoltos, céus desatados
nuas óticas, vis pudores
rumores desesperados, usinas dissolutas
meses acatapultados dos nichos do zodíaco
causas obesas, alvos rendidos, cosmo ferido
resistências ímpares, épuras rompidas
poema incomedido
expansões se contraindo

contradições explodindo, forças fictas
empinadas quilhas do ar
aplanando o mar da eternidade
fronteiras intemporais
ângulos e átimos das tempestades íntimas
invisível escultor de águas vãs desesperado
correntes de tempo aferradas
a um instante sem data
do ventre de um ditirambo dilacerado arrastadas
pólen de cruzes, urzes de cinzas, eças de fúnebres
dourado
que ventos minerais incitam
águas sublevadas de fortalezas desarmadas
selvas estremecidas pelos danos da umidade
o comércio do pó em alta, nuvens despedaçadas
bulbos vociferando entre arrecifes pardos
lixões da alma urbana
expostos a fraturas e remorsos.
Brisa pousada nos lavabos
vanádio devaneando (na tábua)
fauces do amanhecer áspero
auroras abortadas, claridade fera, manhã
oblonga e dolosa, rosas dos dedos fanadas
olhos de congelados azuis
extinção que avança
morte imóvel
metros que parem novas distâncias
mãe violada, árvores do corpo
brilhos do jângal, poema
onde dormem precipícios cansados.

FIDUCIÁRIAS

Destino é carnívoro.
É dos postigos fechados, das cornijas sem ventre
dos tímpanos dopados e do ubre dos abismos
que se ergue o abutre (o poema jamais)
no desejo do fruto o futuro da semente
guardado a sete impulsos carnívoros
só os fúteis e os néscios são místicos puros
há um aquém de tudo, muitos de nada
o além é feito de coisas finas e longas (postiças)
de rédeas de renda e corredores salinos
labirínticas luzes o anelam
nele assolam meandros subterrâneos
libidinosos gumes reflexos das foices lunares
fogo anímico da carne atiçam.

A SOLILOQUIAR VOU
(Confissões do poeta)

A soliloquiar voo, pássaro sutil
de canto inclinado ao levante
ave de grito debruçado no lenho do poente
em mim mesmo me ensimesmo.
O que não sou é o que (não) sabes
oprimente leitora, dona absoluta e impiedosa
da palavra devoradora e proprietária do sentido.
Contrito me deparo com o infinito
e se já não sou o que digo o ego oxido, jugulo
o logo(s), fundo delíquio me golpeia, aterra-
me súbito pasmo, o sega me decepa
mas resisto até o último hemistíquio
até o próximo capítulo da rosa resisto
ululo como as libélulas pendulam
sob a vaga lua que crisântemo aclara
(minha voz eco cristalino dilacera
se as pausas não demoram no enquanto moro)
leio enquanto intervalo dura ou pássaro
do poema ondula ou algazarra da gangorra atura
alegorio uma mulher vestida de nu (a Clizia de
Montale).
Enquanto silaba o vento no eucalipto cochilo
(o cachecol acalenta a jugular enquanto)
me ensarilho na seda do apuro
na captura da manteiga me amacio
na pausa do hexâmetro durmo

enquanto empedernida rima eco me alcandora.
Enquanto eu soliloquio tu coloquias
a hexametrar linhas me dedico
como a um suplício.
Temor de mármore
Brilha palpitante entranha
do mais trêmulo mármore
esplendor víscera da sombra.
Rumor de aurora escândalo
alegria da água noturna
esplendoroso abismo ótico
grito ecoa.
Refulgem pratas da náusea
rugem convulsões do vômito
viva Augusto dos Anjos.

Para Daniel Lima Santiago

ÓS

Ó tênue lingerie de Messalina!
Empodera-te-me.
Nenhum homem é nu.
Toda mulher nua.
As cinzas da certeza são exatas.
Ó rosas resignadas de odor melífluo
ou fútil, ó resmas de ovário em flor.
Ó limbos espaçosos e brancos
como o demônio ou a aurora.
Ó másculas mandíbulas do abandono.
Ouvi, ó pentes, o passeio calvo
a tarde sem cabelos
plano côncavo limbo do crânio
o serpentear da deserta madeixa.
Dólares de ruína.
Lastros como puas.
Pedras do abdome.
Céu sem homens.
São sem nomes.
Santos ontens. Cães amanhã.
Vista o âmago com seda nua.
Emudecer do tempo.
Boca da manhã.
Aurora dos dentes.
Maxilar da tarde.
Vespertino entristecer.
Vênus grávida.

E saiba:
lobo come fábulas.

NOTURNA MÚSICA

O lume mensageiro
luz dilúcida, oblonga seiva
olhar de lua, breve redondo
chama extinta, fogo novo
sopro franco, obus e razia
úbere e monturo
pátina e dom
couve e flor
rosa anêmica
bomba escura
coração mecânico
máquina surda
abandonada sanha
cédula da alma
espírito falho
sombra clara
canto ázimo
sal convulso, silêncio
cristalino como o princípio.

JARDINS DA URBE

Fragmento

O brilho do sal e o esplendor da carne
denunciam o jade das hecatombes.
Nenúfares se acantoam
no amanhecer do sangue.
A dor esfaqueia miosótis.
Na hera prospera a morte.
As grinaldas berram.
Setas de espinhos fendem
coração dos nubentes.
Nas celas sem lua
perpétuas sonham
com utopias roxas.
Lírios bebem escorpiões.
Samambaias famintas
devoram as tarântulas do jasmim.
Rouxinóis imóveis captam o silêncio
das tundras metropolitanas.
Inóspitos sargaços
nadam no logro
e se afogam no ódio
das gardênias urbanas.
As lentas luzes das pétalas
enlouquecem girassóis
inundam de ira amarela
pólen de cada hora
nos jardins da urbe.

1985

FRASES DA OBRA

Aqui começa a decomposição do poeta
a pútrida erosão de suas rimas
e o odor malévolo das sextinas
(já se eleva a narinas literatas)
agora começa a queda das metáforas primas
o torneio grotesco da trena com o espírito.
Aqui começa o apodrecimento dos eruditos
a putrefação iodada dos retóricos
os miasmas de seus compêndios finitos
se estendem ao bafio de suas estrofes cansadas
(se expandem como pestilências inadiáveis).
Agora começa a verdadeira dissolução dos sábios
o sábado de suas sabedorias sem domingos
aqui desponta o ouro coagulado
de suas impertinências potáveis
à iminência de seus cadáveres profundos
agora começa a transmutação do mundo.

OUÇO

Para consolo do tédio
ossos inóspitos ouço
eças de garças
glotes de lobos
asnos de rosas
salvas de pedra
selvas de prata
ouço
para consolo da náusea.

VIAGEM DE VISÕES

Há crises de cores e máculas de tinta
do cone dos tumultos gritos se advinham
do músculo dos ícones escapam preces
elástico místico e açúcar de acrílico como presentes
laudêmio a leitores transigentes
vórtices de açucena sobre criptas azuis
e itens de acônito para convidados da poesia.
Há crepúsculo de cores nas caudas dos pavões
e sais musculosos beirando a aurora.

(do livro Epitáfios de Sal)

SITUAÇÕES NUAS

Teu mármore imaturo
tornou-se areia branca, Lorca
Valham-me nesgas, frinchas, grotas, gruas.
desvãos, potes, hifens, totens, recintos avaros
tudo o que possua o corpo do ritmo
do verbo cardíaco da poesia.
Qual a velocidade média de plena putrefação
do teu cadáver em condições normais de TP?
Como tratar bem bois melancólicos?
Quando o pasto é aziago.
Trevas paralelas servem
às olimpíadas do inferno.
Todo o surto do ritmo.
Toda liberdade à palavra.
Só na cinza soma existe.

SOMA

Da fratura da linguagem
de sua cisão e nudez
do sulco que a escava na página
do dínamo que move a sílaba
do coágulo que alimenta a dúvida
da ruptura que completa o corpo
vem a fatura
a palavra expressa o fruto
do sopro do verbo do barro
no verbo da alma.

O rosto das coisas aberto
a face do caos vivo
o exponencial do tempo ferido
a certeza da palavra uivando
no poema.

Pão interior, veia do céu exposta
o fêmur de Deus de frente
cósmico sangue golpeando
dinastias de galáxias nuas.

EXORTAÇÃO A MÚSSIA

Abandone, amiga, cara Mússia tão intrigada consigo mesma, abandone, dura leitora, seguidora inaplicável, os escrúpulos cronológicos, as idades do simulacro do rosto ... e se dedique ao que
ainda é incólume da sua aventura
vespertina ou marginal pelas estradas e
catabis da vida parca. Adote o sarcasmo...
e seja feliz (como sarcasta lúdica).

Mantenha-se mais próximo do oráculo
do que do dogma... e não mais se
dedique a ilusões sutis.

O crasso tempo da fuga e do desencontro, do intraduzível trânsito é invertebrado... e o momento que passa
torna-se fantasma ... não aceita intervalos.
Vá só ao zênite noturno e se abebere
do insólito e da tinta da extinção.

SANTA INSÔNIA
(CARNAVAL 2016)

Insônias naufragaram e se redimiram
vígil pálpebra abandonou o sono
a si mesmo insano
moléculas de vigílias sucumbiram
renasceram visões acesas
insônias se rebelaram
dorso noctívago revelou-se suave
à grave planície e ao torso da noite
onde se ceva.

Aplaca-me sôfrego deus, zomba da carne
apoda-me insone e sacro
suprema ânsia deflagra, arma-me
de tormentos e viris visões, tortura-me
de esperas desesperadas.

Que o mais pequenino grão de lua redija
em sua solidão a planície da alma
que frugal deserto alcandore o sono
de tempestades de muro
e dunas adormeçam o poema.

Lasciva seiva dá-me
em cálices resolutos
das taças eretas derrame-se a alma.

Extinga o sono à recôndita volúpia
à sede veemente, ao prazer sonâmbulo.

VERBAL MOEDA

Ao professor e rei Dom José Rodrigues

Moeda de rumor dorso
do livro habita.
De treva ourives cinzela
no frontispício da tarde
cômoros e aquarelas.
Da janela adunca
do ático compêndio
dionisíaco ouro soluça.
E transborda pelos cones
da palavra húngara.

A NAZIM HIKMET

Ao filósofo Marcondes Torres Calazans
a quem ofereço a metade vermelha do meu
coração

Apesar dos tapumes
(que me esmagam o olhar)
e dos muros que me espreitam
o peito meu coração palpita
como a estrela mais remota
e meus olhos se acasalam

com o azul da utopia
como pássaros bebem
no rosto do futuro
o néctar do dia a dia.

ÍMPETO POEMA

Inventarei rumor rosa do lábio
a capinar a alma sôfrego urro
minando o rosto esgar de gozo
tempo abrindo pássaro no corpo.
Saberei a cor do teu cio, seu
azul voluptuoso e íntimo róseo
sonoro vermelho do sangue
partejando o falo
aos borbotões erigindo a veia
escuros da vida regando de luz e sêmen.
Irei ao imo da noite buscar-te
Perséfone de carne
à infiel Penélope lascivo apelo.
Escavarei o êxtase vermelho
apalpando o grito até a alma
fruto até a raiz madura
a libidinal respiração bebendo
até o leito dos joelhos redondos
onde adormecerei confortado
com a satisfação do lábio
cujo rumor inventei.

A ÚLTIMA LUZ
(JÁ NÃO HÁ MAIS TÚNEL) F.

Anuncio aos vivos ainda a verdade.
Já não nos saciam vãos copos de vinho
oferendas cruas, orações sonoras.
Os que ainda tenham corpo pensem nos ossos.
Honra e gozo são palavras ocas.
Outro sopro a vós será negado.

Regozijem-se rosas
relvas se amem
no trevo do calendário
preparem coroas frias para novos cadáveres
parcas pós-modernas em prontidão
corvos de plantão

e todos confiram
à severa dignidade do círio
na noite vetusta e intransponível inflamado
a última luz.

CRÔNICA LÍRICA

Quando escrevo sinto delírios de abelhas.
Estou numa praça rasa de Recife. Vejo cães.
Alinhados perambulando (a coleira em riste
magnífico) e seus donos felizes sendo
arrastados pelos cafezinhos caprichados.
Surto nostalgia e falta. Faltam-me
a presença e o encanto das praças
profundas e fecundação, que se foram. Hoje,
as praças estão à flor da terra, à
flor da pele, não têm mais alma. Se o
povo abandonou-as, pedras (e cães) a povoam.
Agora, vou escrever sobre uma realidade
que não aconteceu ainda. Real não
realizável como capital contábil de
empresa falindo. Comece a
fazer um inventário de pedras possíveis. E
termino em mim, criatura desprezável a
deformar o conteúdo das palavras, assassino
semântico, miserável corruptor do verbo.
Então, começo: nítida e infinitamente vi
as escamas da noite, escutei-as em meio
silêncio de pedra, até que um grito de vidro
acordou.

Parte III - Tufões umbilicais

Não me entendam, por favor.
Se não me entedio.

EPIGRAMAS COM FIGURAS

Vi Anaxímenes ébrio
do hálito da natureza afirmando
que ser é éter
que montanhas trácias sonegam
sol a mortais olhos dos homens.
(E que sombras amaduram
o silêncio da consciência).
Vi Descartes triste e enduvidado
cobrando dádivas do seu passado
buscando de cada alento ou orgasmo
suprema chave que abra
cofres do ceticismo mais ácido.
Vi Hegel dobrando
a esquina da metafísica
nas espumas do ser perdido
sobrançando maços de contradições
a espírito humano ensinando
o sentido do absoluto.
Numa manhã alemã
vi Hegel já longevo
à beira do eterno
bebendo dos profundos cálices
tragos de absoluto.
Vi Sócrates da hélade luz embuçado
de sua cela irônica desfrutando a cor
do honor do pudor púbico
das imortais virtudes da cicuta atado
a efebos e

à ébria ambrosia dos deuses
filtro da civilização grega.
Vi Sócrates inconstante
a ver o eterno
a cada instante
devassando a juventude ática
seus sonhos ineptos reprovando.
(Senti as garras agudas da cicuta se armando
do cruel líquido borbulhando dor
do seu intestino e lento anelo vi
políticos esculpindo a culpa
e o remorso entrando na história),
Vi Berkeley cismando ensimesmado
sobre o próprio eu supremo debruçado
possuído do solipsismo mais sarcástico
sozinho entranhadamente enclausurado
do âmbito de seu ser fantástico.
E único.
Vi Tales afogando-se de primeira água
olhos de estrelas cheios
caindo no poço de seu desejo
sombra dos monumentos medindo
a perscrutar os gregos eclipses nus
de seu tugúrio da Ásia Menor a céu aberto
o caminho único do conhecimento
de nós mesmo buscando
a gritar tudo é água, água, água e infinito
canto que Sócrates trilhou
com a suprema sapiência
que a foice da cicuta desfez.

NOVAS MÔNADAS

Carnaval fecundo, novas mônadas
o sistema ia botar manadas.
Crepúsculo pousa no silêncio dos pássaros.
A infinitude da eternidade é voraz.
Condene a abstração. Concretize a poesia.
A tristeza sem fim da solidão acaba no poema.
O fiat ainda pulsava quando o escuro aportou no ser.
A estrelas trêmulas eleve teu canto, poeta nulo.
Rumor de brasa, labareda de palavra.

AO ÊXTASE

Jovens cheios de desejos que saltam.
como grandes peixes no corpo

Séferis (poeta grego, Prêmio Nobel)

Silencioso ícone percorreu a lenda
Habitou páginas. Torres. Tecidos
e nos palácios da fábula se aninhou como ostra.
Buscou na face da vida espelhos
para reflexo de suas talhas
para eco de seus lacres
paradas cores do seu sonho.
No átrio clama
abandonado por seus sábados
oferece a sátira pás sacrifícios persas oferendas
de seu encanto, pudor e alumínios.
Longínquos cristais do dorso
ícone doa ao tempo
seu escultor primo.
Luz de seus olhos, chamas poliédricas
brotam como fruta
Da ardósia sonolenta.
Fragmento poético de 1990

MÔNADAS DA PALAVRA

Assim como Polifemo amava Odisseu.
E arriscou olho por Ninguém.
Videntes insanos para a poesia epifânicos.
Mar Aletha acalenta.
Mourão vate, vidente, profeta de Ipueiras e Dodona.
Um hexâmetro de fortaleza e denodo lírico.
O que o cosmos ama o poeta ama.
Uma folha de relva sequer ser.
Vivo como touro em abate.
Amor esvazia ira.
Ulisses: teu nome é ninguém.
Ar do texto sorves, vás ao ser.
Ramos de jovens plátanos chifres ou epitáfios.
Todo dia leio poema de William Carlos William.

TARIFAÇÃO DE POEMAS

Vocábulo de touro e entranha
alado momento de ser noturno.
Ó águas elementares do norte
Tales bulício e eterno
caído num poço de estrelas.
Lua bêbada das poças dália
na calçada dos namorados
de vertentes.
Horas levam à morte
à direção dela arrastam o ser.
Tão frágil, tão sem trégua.
À ressurreição das horas.
Veredas do ocaso percorro
A sendas vicinais do acaso vais.
A luz da veia ou da gota sangrando
me leva ao amor.
Lume de louvor, seiva damos
à noite densa da poesia.
Cômodos passam
incômodos ficam
roupas permanecem passadas
os salões morram
a vontade morre
a dor chega como seda mansinha
toda a música
da vida secou.

Réstias... restos da liça do sol.
Ó secreto sentido cósmico das coisas...
de tudo que reste.

OUTRO POEMA DAS VISÕES

Ai dos maquinadores das iniquidades
dos que sonharam
com púberes improbos
a à aurora dos ritos blasfemos ofereceram
a morte das tardes
Ai dos que devassam espólios
e doenças
e calamidades inauguram
Ai dos que na assembleia da ira
cólera enfatizam
e votam em víboras.
Ai dos que não mais ouvem
surdos à vida
os oráculos cominatórios
dos profetas de pedra. Ai.

Vi pontífices reinarem
a libido impor-se a simulacros.
Vi a vergonha sem causa pousar
e vi o êxtase eclesiástico

como o pecado brilhar.
E vi no vazio escuro
no céu informe de cetim
Tohu wabohu
o nome vazar o chão
a pureza balir
qual ovelhinha tenra
vi o senhor beber a dor.

Cartada inicial do livro cântico novo
Já mais separado mesmo
pais comeram uvas árduas
os dentes dos filhos embotaram.
Eu não sou quem sou
ou sou quem não sou. É.
Ihwh é. O ser.
Da série 11 visões experimentadas de 2 da manhã
de hoje até há pouco,
domingo carnal do carnaval da solidão vital.

DO NOME: DE NOMINAÇÃO

O nome nunca é das coisas.
O nome é o nome. Do nome.
Nem as coisas é... o nome.
O nome é e não é o nome.
O nome é do nome o nome.
O nome é apenas
eco de um ângulo
vândalo
como um sábado ou uma barata.
Nunca haja de ver nas coisas
só o nome ou sua ausência.

DO NOME VITAL

Sei que meu nome não dura
uma geração de brilhos mortos.
Antes que tempo o dissolva
horas o corroam sobrevirá
férreo e mais terrível ainda
esquecimento dos homens.
Nome cai nas vascas do olvido
nome esvai-se pelos esgotos do tempo
nome o sugam ralos de memória
ou ratos da hora o consomem avidamente

nome vento espanca dos túmulos
dias o roem dos mármores
e o nome anônimo continua no inumado homem
(claramente cravam-se duplas datas e fatais:
marcas de natal e cova
na inocente lápide incrustadas).

DA MORTE DO NOME

"Morrer mais completamente ainda,
- Sem deixar sequer esse nome."
Manuel Bandeira

Das vagas do incógnito, de inúteis nadas
de cifras vazias e teoremas esquálidos
de álgebras destroçadas do abdome do exato
das praças onde verdade exposta e crua
como carniça louvada (degustada pérola de tripa)
do cerne de equações caninas insolubilizadas
vem o meu nome adornado de dízimos
e dádiva de dúvidas e letras amaras.
De inúteis uteís o meu nome
baixo relevo das lápides recebe vocábulo
esculpido como delírio cinzela poema
aprisionado no lume que sopro abandona
iluminado pelo círio tão fatigado
pelos olhos do vento indefesos abatido.

O marceneiro grego a lapidar cavalos
com veloz cinzel da palavra
no abeto dos templos incrustada
trena de sua astúcia em riste
a medir furiosa altura do mar
buril que desmorona levantado
do olhar certeiro da memória
de sombra pura alvejado como muro que sonha
as hélices da carpintaria árduas da morte
incansáveis
a aridez da treva abrindo olhos sonâmbulos
os símbolos estraçalhados na página escura
insólita baleia Jonas cavalgando
sua víscera sacra apontando
os intestinos do tempo, as usuras das horas.
Versos desconcatenados ao longo da madrugada
de chuva e trovoada de ontem, 29 de janeiro
2016,
o termômetro acusando na colina do Magano 19
graus célsius...
frio inspira, com vodka.

ESTRANHO OLHAR ESTRANHO

Olhar de estanho
entranhado de espelhos
cegos como noite vândala
na amurada dos castelos
hera escura
como noite órfã de estrelas
olhar, lago de funéreos círios
e órbitas lentas, liga
de velozes golpes, rinha de cristalinos
arcabouços e ósseas refrações
olhar (,) cristos entremeados de cruzes fálicas
e abeirões cerzidos em fugaces tons.
Olhar de mirra, cravo e janela
de onde se abeiram fogos trêmulos
onde se abeberam desejos óticos.
Olhar, veio de espelhos vivos
e cegos como a ilusão ou o idílio.

POEMA DE AMOR VITAL

A ilusão tem garras (e dura como o podre)
seus dentes são fundos (afiados como a náusea)
quimera astuta e faminta me espera
construída de louça cega (e censura longa)
que à louca alma engana, embora
a dor do logro não supere
a mais amara ainda dor do sentimento vazio.
(A súcia da esperança não me ampara).

II

Que estranho licor boca destila
que estrelas vêm bebê-lo todo
iluminadas de teus olhos
amasiadas de teus seios
que néctar tão forte
tua carne deflagra
exala teu seio inocente
tão ereto aroma
que meus pelos se eriçam
e o desejo me morde
apenas te cerceia a alma.
Rubor que bebo advém
da carícia que fiz
sem querer
numa assustada manhã
em que os corpos se viram
sob fulgurante estandarte de pássaros?
E foi vinho da pele ou ardor do lábio
sabor que subiu.... e lambi (como rubor).
E todos os desejos se alongam (inaplacáveis)
ao galope de teus pelos
ao aroma de teu nome.
A teu olhar que empalidece estrelas
urde assassinas candeias
lumes cegam e empobrecem manhãs
a teu olhar aurora e lâmpada
do meu mundo (escuro e antigo)

que é voo da pupila e certeza de queda
a teu olhar a fulgir
do meu ignoto rosto
que é fulgor e pássaro
(de onde unjo néctar da renúncia)
trago de mágoa
veneno de alegria (de ver teu olhar).

ESTAÇÕES DO ESPÍRITO

Primaveras morreram de asco e nojo
dos homens usurários e vazios
abrigue-me o corpo
outono amigo
tenha-me vital inverno
estação final da alma.

IRA DO ABISMO

Busco arquétipos de teus olhos no azul
vazio da vida
que insiste inutilmente resiste
ou na incansável ira do abismo
ou nas gemas enterradas
sob o pó do tempo
sob a areia dos milênios
ou nas éticas artes dos felinos
embutidas panteras do nobel
Dante em meio à selva da vida
símbolo da incrédula vida humana
arquétipos da água busco
das bruscas canções dos marinheiros
que o roubaram do céu e deram azul ao mar.
Canto morto esquina branca v
barris de exangue usura estocada
em pilhas deletérias arrumados
de pratas triangulares
oiro apodrecido dos anais
sais irreflexivos desnaturados
agonizando nos corrimões desgastados do desejo
das esbranquiçadas
ou quilhas pálidas
da nave velha do forte knox cédula
delinquentes potes de piritas deliquescendo
em fortes inoxes crispados metodicamente
empilhados

como mortas gaivotas
ou albatrozes podres
nos conveses desodorosos
das fábricas de prata falsa
das obscuras indústrias
dos homens.
Títere e senil dólar
afivelando a alma
enovelando o espírito
de correntes monetárias
incorpórea nau oscilando
entre comércio que realça a rapina
e o bursátil labirinto
dos dividendos líquidos
entre a medalha das graves
injúrias douradas
e os corrompidos ágios
entre debêntures estupradas
e a alma comerciária...

TESTEMUNHO

Vi um anjo descer do céu face cadente.
Na mão chave do abismo resplandecendo.
E vi o olhar de Jano cair sobre a cabeça de um lobo faminto
(que o passado sepulta e o futuro defronta).
E vi o ano mil morrer cheio de chagas e gritos, lepra e prece.
O pânico beber seus olhos, o rosto
acorrentado a horas impiedosas
(era um velho cego, raquítico, árido
escorraçado por açoites de varas
para além do muro da vida, das tinas do tempo).
E vi o solo morder demônios e o selo vedar abismos.
Vi o sol negro, o saco de crinas, as hóstias enfermas.
Estrelas demolindo-se, a cinza das figueiras.
Homens desfeitos em pó.
E vi a loba esquálida que devora homens em declínio.
Vi a tribulação acasalar com a glória.
E o filho desanuviando-se e suas máculas celebrando.
Vi as dez tribos perdidas de Israel.
E rios passando homens, vi Sião fugir.
Vi na cidade de Megido, no campo Esdrelon.
E vi a ambígua noite cujo muro separa
o velório do velho milênio da cova

onde brota a nova manhã.
E vi o rosto de um homem erguido do lodo das horas.
Vi Jano contemplar barca de Caronte
com sua carga de sombras atravessar o Estige
rumo ao Hades terrível, longe do Eliseu.
Vi no Tártaro a alma do azeite.
E na ilha dos bem-aventurosos a sede de viver, o estertor.
Eu vi o cadáver do milênio na vala comum do tempo.

Conciliábulos invadiam devoto vestíbulo
de rumor incendiavam saguões.

Era a conspiração chegando ao fim
ramalhete de orvalho aterrissou
sobre a tonsura do pároco redondo
depositando ósculo úmido.

Era a conspiração chegando ao fim
(o termo final do delírio alegre da ira)
ramalhete de orvalho aterrissando
sobre tonsura do pároco redondo
depositando ósculo úmido
na circular calva santa.

Alcateia de secretos carneiros urdia
no recinto mais submarino da noite
mortandade dos lobos devassos.

Esquadra de códigos era inútil
para desarmar o acúmulo de naves coalhando
horizonte defronte de cada alma.

Bordel de hemácias ofereciam
a lentos transeuntes rubro fulgor
que por sua veia tentadora transitavam.
Matilha de especialistas desfiava
pecúlio de ricas anedotas e prendas raras
sobre asneiras de generalistas desempregados.
Turbamulta de ricaços se negava
a cobrir com tributos sonegados
rombo das contas do Estado.
Na roda de andorinhas
o de que mais se falava
era da voz dos pardais em revoada.
Um magote de PHDÊS consultava
corja de tratados abstratos
anunciando novos planos quinquenais falidos
desde a véspera.
A malta dos magnatas debruçada
nos balanços anuais avaliava
lucro de suas mensais espertezas.

RITO E ACASO (GÊNESE)
CENA CRUCIAL

Mergulho na voragem, do báratro do espírito
busco
sêmen puro do infinito (raízes do nome)
êxtase celeste, cósmico delírio
orgasmos maiores que estrelas
gozo galáctico, ávido ocaso
(em que imerja alma para salvá-la
solver carências, amar sua impotência).
Lume gozoso busque
face inóspita
não se renda.

ÂNFORA EFÊMERA
(Encha-a e verta)

Com duas andorinhas criar
só um verão (o mais longo)
no pátio onde outono pousar
para ver cor do corpo
ninho dos cabelos
certeza da veia
estampada no olhar da leitora (cosmético)
após breve e canino verão da vida
descambar para outono sem dentes.
Justiça vale uma moeda
misericórdia duas
(nenhuma vale o coração).
E as letras da lápide
(escandalosas ou cruéis, escandidas)
não têm preço
(ninguém as paga, logo apaga).
Nada é sempre.
Nasce e morre o ímpeto.
Brilho naufraga.
Sono recua, a alma
definha como prata.

CÂNTAROS DE SOM

Choviam cântaros de partituras
grossas de estrelas anãs
e razias de rãs se alastravam
no ventre dos tanque cósmicos.
Na treva de teus olhos poloneses
curados a nanquim estive.
Além de mim, músicas de água escova do jasmim.
Abeira-te útero do destino
do hímen implacível coisas complexas
ventre inerte dos mares
pássaros que tempo escancara.
Noite antiga atravessa
trama cerrado do meu nome
ilumina sábado vão e labirintos ocos do coração
paisagens incrédulas devassa
clareia escuro da alma.

DESCRENÇAS (OU DEZ CRENÇAS)

Creio em geometrias moribundas
esculturas de sarças fumegando
ladainhas de urze sarracena
creio em ditame de baunilha, rima de abelha
luz de centelha, treva de cambraia
e nos esboços avariados do futuro
que veias tramaram em conluio com orquídeas
creio nos incêndios das perdizes
nos urdumes de cimento, nos concrizes
(que ao páramo salmodiam com suas canções vivas)
creio nas piras de trapo do duodeno
na coivara que excita a azáfama
no báratro e na pátina
na catábase e no trabuco
creio no lampejo do nojo e na adaga da morte do ventre.

SÍLABA DE ESTRELA

Atravessei celibatos de abelha
o cálcio do coração demoli
no périplo sem limite de palavras
pela espessura intuitiva do verbo lâmina
intrometida
enlouquecendo preso a hospício da página
a delirar como a infância ou o beato
púlpitos de creolina venci (domei andores de ira)
com ataduras e fêmur de esperança
adentrei imperdoáveis fronteiras
desdenhei gramáticas obrigatórias
ladainhas severas e adjacências
venci em nome da liberdade da poesia
acordei fosfatos e líquidos cânions
despertei conicidades e verbal absurdo
com a voz do duodeno triste
(de um vasto duende a vertigem).
(Após o jogo Brasil/Croácia pleno de vodka no Retiro)
PS. O pântano d'alma cultivei
subjuguei o espírito da palavra.
Até que o ânimo desertasse...

POEMAS DAMOR TRISTE
OU MORTE DOS OLHOS

No cálix de tua sede busco
regalo de dor, ápice do amor úmido.
Esgane a sede mas nunca a esgotes
ame com o esôfago, amasse
a pepita do êxtase com pertinácia.
Abandono de rosas
cave de falsos corações fervorosos
que simulem jardins sepultos
é o que se faz quando
rejeitam a poesia vera.
Ao som tíbio de ocos crepúsculos
colhidos juntos a ruínas de sonhos
desfrutas o frio mundo.
E o carmesim do amor
vira cor de ferida, nojo, asco
repulsa à vida.
Se não cresce hino entre monturos
é que o solo do coração é fútil
e falsa a verdade do amor.
É água esgotada
da sede do amor
esgoto do ser sozinho.
À suave pátria da carne
partitura do som de êxtase desates
como água de bica são as coxas abertas da vida
diga, amiga, com o vital apreço do gozo

a carne é impecável
e melhor colina não há
que a do púbis a que boca suba
inevitável e pura.
Ó pátria carnívora
e única vital
que eu te adentre
com músicas selvagens
e golpes cadenciosos
abrindo pássaros
em teus flancos nus.
Navegarei – nauta delirando no rumo do corpo
pelo vale aberto das pernas
e no arroio lascivo dos sumos mergulho
tuas íntimas terras meu tugúrio
milho, céu, sede
onde garças do orgasmo deslizam
como relâmpago o êxtase
nelas se aninha.
(Este poema da madrugada serena
doo a ti, impossível amiga).
Te amo como a um fuzil abandonado
como a um tenor que sufoca a garganta
locus do amor.
À cálida vida a dentro de ti
embriaguez vital, não resisto.
De tua seca boca – cifra dos meus desejos ocos
não desisto, és adorno
do manjar humano, erva viva

seiva, humo, suco mágico, saliva serva
arena do amor. E estertor.
Quando fustigas o desejo, sou.
Abandonado como um náufrago
da noite eterna e só não sou.
Sem a terra do teu olhar
sobre meu corpo nu vivo.
Nau rosa do teu seio
crespo mar dos alegres pentelhos
salmoura do teu gozo insano
cruel manhã que interrompa o amor
ocaso doloroso do fim do beijo
páramo negro do teu corpo cru
horizonte fechado dos olhos em cio
tudo foi naufrágio.
Sei que meu porto é ao sul do teu ventre
minha baía são as águas de ti
que me submergem a boca vital
minha veia é tua veia
em tumulto no leito alado.
Teus gestos são como água
sobre meu tórrido espírito derramada.
Perfumes são teus beijos
(que me devoram inteiro).
Terra devastada sou presa
de teu seio estremecido.
Abandono-te a boca
mas teus beijos duram.
Como vaca embaraçada

é meu ser que abandonas
quando férreo amanhecer
interrompe o amor
estraga o êxtase
tudo acaba.
Para em nova noite renascer
mal a cicatriz da manhã morra.

Quis ser feliz como uma folha
que me secas
como um deserto que me atravessas
como o horizonte que me negas
não sou feliz
o céu é pétreo
a vida água estagnada
o amor ilusão amável.

Olhos condenados a não te ver
morreram.

Vida deserta que me deste
não é.

Nascer para viver morte
e não ser um todo em ti...

Pra que manhã
se à noite já não te fruo?

Debruçado sobre metáforas nuas
sob anestesia da solidão doente
hipnotizado por matizes surdos
abandono em mim o ânimo
único recurso... além do motel da vida
é a manhã sem luz interior

(até a lua – esse cão vadio
me deixou sozinho e late
quando não te vejo)
à jaula do amanhecer jogado
como um osso ou uma hóstia.

Se sono já não fecha a pupila
se deserto do teu ser me acolhe
se ausência do teu corpo me tolhe...

Já não gritam as crisálidas
já pérolas do desejo coagularam
dormem pianos do afeto
úmida relva do íntimo bosque
à boca se nega
conceito do amor cessou
só restam a mim o pântano do poente e o irreal
a tosca realidade sem ti
o medo de não ser mais eu
todo o ardor morto
toda a beleza do gozo negada
ocasos movediços restaram
febril primavera não durou
mais do que uma noite distante
esfumou-se a geometria do êxtase
restou só a cinza do inerte
e velhos despojos do desejo.

Não se pode deixar o outro um só instante.
Solidão é doença incurável como manhã.
Beber o vazio não embriaga, mata.
Acariciar o deserto é dose.
Cor fica surda sem amor.

Silêncio alucina.
Beijo não se bebe a si mesmo.
A cama já não tem sentido, lençol trapo sem tino.
Sono irreparável.
A lascívia dos lençóis cessa.
O sal dos lábios é ácido.
Alba é pesadelo vasto.
Noite, puro martírio.
Que é vida sem a outra?
O júbilo é escuro
a luz chora.

Onda de artérias vazias, o rubro pálido
deleite morto
dor presumida
não mais gemido, só rancor
e concerto de desventura
estéril a essência só

carne sem ardor
abandono puro
um silêncio branco e uma palavra morta
o som da cinza escuto
na noite indestruída
da hora deserta e dura
a ferir o tempo do ser
sem o viver no outro.

A cada palavra
só o silêncio lauto responde.

Te foste com a aurora
e meus olhos morreram.

Tudo o que não dizes ouço
como uma perda, um pássaro morto.
Tudo o que calas sinto
como palavras sós.
Não estou, mas estás.
Não sou, mas és.
De solidão e silêncio
não se faz poesia.
Se faz dor intemporal.
Todo o teu ser deixou-me.
E nada restou.
Toda a eternidade é pouca
para curtir ausência longa.
Já não existes, mas já não te quero talvez.
"Para que nada nos amarre
que não nos una nada"
ao crepúsculo da rosa.
Só restou um vão desejo imenso
e quase uma dúvida.
A cinza de um sonho roto.
A verdade de uma vida lassa.
E uma irrespiração profunda.
Sem pássaros ou amparo.
Só o eco de um beijo úmido. Seco.
Lábio saturado de desventura.
Restaram espinhos meus
da cruel rosa do teu olhar.
E não ficou a pele, ficou o frio.

A única pele era a tua em mim.
Um mar desolado restou
de águas noturnas e sem espumas.
Não restou o rio (que eras)
só o ribeiro solitário (que sou).
Algumas sílabas do desejo
vida levou de roldão para onde
para o ralo (que sou).
A comporta que eras se fechou.
Alguma memória
mesmo como cicatriz
não restou.
Só restou.
Só restou o resto.
Nem um sopro restou. Ou um vômito.

DOR OU AMOR?

Rio banhando-se na óbvia e crua sombra
da folhagem
exuberantes matizes exibindo ao mundo
borboletas mágicas néctar arrulhando
nuances vermelhos no ar depositadas
rodopios de cascatas de bem-te-vis
profundos
à tona do tempo colhidos
pelos invisíveis olhos humanos
vis céus indolentes e cerimonialmente brancos
édens caídos como fruta podre
testemunhando aurora que se esgueira
entre pássaros e dedos rosados
o mundo prenhe de sol
de prolífera garoa assaltado
olho os que me amaram ontem
seios que escalei entumescidos árduos
meço pecados e milagres
do verão em brasa a carne
e o espírito que
gritos da relva deixaram
na folha do livro aberta em copas tristes
como árvore sem dentes.

DEZ MONÓSTICOS VITAIS

Silêncio de garça é branco
Alma de etílope leve como vento norte.
A oeste do paraíso está o inferno.
Na catedral de signos capitéis vomitam substantivos.
Luz fóssil emana do olho do sáurio.
À sombra dá colibris e framboesas.
A ferida parecia um aspargo reluzente.
Açafrão cominho humilha.
A chama inquisitorial era volumosa e inquestionável.
O fogo de Prometeu era lúcido.

O POEMA DECLINA

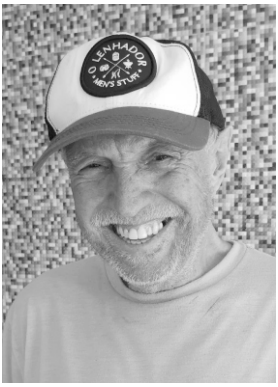
O poema declina
de toda responsabilidade
com leitor casto, inocente, imediato
voltado a sílabas ou colisões de sons finais
não votado ao objeto
desenhado pelas palavras.
Leitor preocupado por
palavras precisas

bem colocadas, encastoadas, eucásticas
familiares como uma cadela d'água
o poeta declina
de qualquer responsabilidade
com leitor canhestro, exausto
ante a primeira palavra que desconheça, encanto
leitor bem comportado incapaz
de ousadias exegéticas (o que é isso?)
leitor culpado pelo bom gosto exato
asséptico pasteurizado
vespertino leitor coitado.

O poema declina como céu no pátio
inclinando para o alto do tempo passado
a cordas e trapos
pois poema não educa, mancha
não purifica a página, perverte-a.

Ante aturdido céu que declina
pátio parece chão de estrelas
em cachos
pedra educada e alta
é lua sacrificada
em nome de namorados
lua desenhada para sáudio
de serestas sem data.

Haverá poesia enquanto
o desconexo, a impossibilita
que a impregnam de verdade escura
pontiaguda, não comensurável
sem rendas ou mesuras românticas
pulverizadas de cáusticas auras
pobre de esgotos de imagens.



BIOGRAFIA DO AUTOR

VITAL CORRÊA DE ARAÚJO. Poeta, escritor, jornalista, auditor do tesouro, bacharel em Direito (advogado), com curso de História e Filosofia. Estágio de administração tributária na Alemanha e especialização sindical na Venezuela, professor do curso médio, conferencista, tradutor, especialista em Jorge Luís Borges. Filho de Deográcia Cavalcanti de Albuquerque Corrêa de Araújo e Cláudio Corrêa de Araújo, neto do poeta Manuel Florentino Corrêa de Araújo (Juiz de Direito, formado na Faculdade de Direito do Recife – UR, em 1930), que, durante mais de uma década, uma vez por ano, a cada 20 de maio, fazia um soneto elegíaco, em memória dos fastos nefastos, ocorridos a 20 de maio de 1915, quando, do parto do primeiro filho – Cláudio – morreu a esposa – Sinhazinha (avó de Vital) – com apenas 16 anos.

A propósito, a romancista, pesquisadora, memorialista e genealogista, psiquiatra e integrante do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Drª. Maria Cristina Cavalcanti de

Albuquerque, em seu romance Luz do Abismo, tem, na trama, o personagem Maneco, em que retrata o poeta Manuel Florentino. Pai de Cláudio Corrêa de Araújo Neto e Murilo Dantas Corrêa de Araújo (Murilo Gun, que, aos 13 anos, foi convidado ao programa de Jô Soares, como o garoto prodígio da Internet e bi-campeão do Ibest, além de integrante do júri oficial, atualmente é ator e humorista, introdutor do stand-up comedy, no Norte/Nordeste).

Vital nasceu em Vertentes-PE. Dos 18 aos 50 anos, foi Fiscal de Rendas (Auditor do Tesouro), exercendo cargo de Subsecretário da Fazenda, Chefe de Gabinete e Diretor da Receita nos estados do Amazonas e Rio Grande do Norte. Foi diretor e chefe da Assessoria da Diretoria Geral da Receita, da SEFAZ-PE, durante 10 anos, com curso de especialização na Alemanha por três períodos, desde 1987. Foi Secretário particular do governador Lavoisier Maia, que é padrinho, juntamente com a ex-prefeita do Natal e ex-governadora do Rio Grande do Norte – Wilma de Faria –, do seu filho, Murilo Gun. Ao longo de 10 anos, foi secretário geral da Associação dos Auditores Fiscais de Pernambuco, de que, durante quatro eleições, foi

designado para presidente da Junta Eleitoral. De 1990 a 1995, Secretário-geral da FENAFISCO (Federação Nacional do Fisco), com sede em Brasília. Presidente (e fundador) da Cooperativa de Atividades Múltiplas – MILLENIUM, de 1998/2001, fundador e diretor – secretário do Instituto Brasileiro PRÓCIDADANIA (Ong), desde 1995. Presidente do Conselho de Recursos Fiscais do Estado do Rio Grande do Norte e Auditor Fiscal (julgador em 1ª instância de processos fiscais) no Estado do Amazonas. Instrutor de cursos de Atualização Fiscal nas Secretarias de Fazenda do AM, RN e PE (Administração Fazendária), bem como diretor e professor do Colégio do CNEG, em Santa Cruz do Capibaribe.

VCA é reconhecido conferencista sobre matéria fisco-tributária nos estados de RN e AM, com várias plaquetas publicadas, além de trabalhos em revistas especializadas. Na área penal, atuou em júris populares, como advogado de defesa em Vertentes e Santa Cruz do Capibaribe e, nesta Comarca, como Promotor ad-hoc, durante dois anos. Obteve 1º lugar nos vestibulares de História, Filosofia e Direito, respectivamente em 1963, 1967 e 1970 e notas 10 em todas as matérias, nos dois primeiros anos, do curso

de Direito. Observe-se que, em 1970, verbi gratia, o vestibular de Direito era estruturado em 21 provas (7 matérias), sendo 7 escritas e 14 orais.

Vital Corrêa participou dos três Congressos Brasileiros de Escritores promovidos pela UBE em Pernambuco: o I, de 15 a 17/11/1995, como membro da Comissão Organizadora, e coordenador geral dos outros: o II, de 26 a 28/09/2000, e o III, de 25 a 28/03/2002 (no Recife Palace Hotel); do III Congresso, além de coordenador-geral, foi relator das atividades, conforme consta do Relatório de Execução, inserto às págs. 31/35, dos Anais, organizados e editados por equipe liderada pelo jornalista Hugo Vaz. Coordenou, também, a participação (curadoria literária) da UBE na 3ª Feira Internacional do Livro, de 20 a 27/10/2001, no Centro de Convenções de Pernambuco. Integrou a delegação de PE, comandada por Paulo Cavalcanti, ao II Congresso Brasileiro de Escritores – São Paulo – 1985 (O I foi em 1945). Foi curador das duas primeiras edições da Fliporto e Presidente da UBE-PE, por três mandatos.

I- ENSAIOS/LIVROS SOBRE O POETA (exemplificativo)

A Perversão Poética: entre a tradição e a invenção, do Prof. Catedrático da UFPE, Sébastien Joachim (apresentado no plenário do III Congresso Brasileiro dos Escritores, no Recife Palace Hotel – Boa Viagem – Recife, em 27/03/2002).

Tempo de Poesia (ensaio de César Leal publicado no 2º volume de Dimensões Temporais na Poesia – César Leal – Imago).

O destino poético de Vital Corrêa de Araújo – Sébastien Joachim. Edições Bagaço / Inst. Maximiano Campos – 2009.

A estranha poesia de Vital Corrêa de Araújo – obra organizada por Admmauro Gommes, professor de Teoria Literária da Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul (FAMASUL), Palmares, PE. Recife: Edições Bagaço, 2013.

Vate Vital - obra de Admmauro Gommes, professor da FAMASUL, Aracaju: Gráfica CriAArt, 2018.

II - LIVROS PUBLICADOS:

Título Provisório (Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, o mais importante prêmio literário da época) Edição Fundação José Augusto – 1977.

Burocracial (vários prêmios, inclusive prêmio ESCRITA de poesia – SP) Edições Pirata – 1982.

Poemas com Endereço (antologia, com outros três poetas) Presença Poética Nordeste – 1985.

Gesta Pernambucana (Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, Conselho de Cultura da Cidade do Recife, 1985), (Prêmio Nacional, com a maior bolsa financeira do Brasil, integrando a comissão julgadora: Marcus Accioly, Pedro Lyra (UFRJ) e o Editor Cultural do jornal O Estado de São Paulo.

As Flores da Urbe (Prêmio Edson Régis – PEN Clube do Brasil – Recife, 1986. Edição Particular, fora de comércio – 30 exemplares – 1990.

Coração de Areia (Prêmio da Academia Pernambucana de Letras), Edições Fundarpe, 1994.

Gide ou o Desejo, edição particular, fora de comércio 1995.

50 poemas escolhidos pelo autor. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004.

Só às Paredes Confesso. Edições Bagaço. 2006.

Palpo a Quimera e o Tremor. Edições Bagaço. 2009.

A Cimitarra e o Lume – Edição do autor.

Ora pro nobis scania vabis. Recife: Bagaço, 2010.

Ave Sólida. Recife: Bagaço, 2010.

Bando de Mônadas. Recife: Bagaço, 2011.

Confissões de Vital Corrêa de Araújo. Recife: Edição do autor, 2012.

Crepúsculo do Pênis. Recife: Edição do autor, 2012.

Kant não estuprou a camareira. Recife: Bagaço, 2012.

Borges e Eugénio. Recife: Bagaço, 2012.

Hímen de Mallarmé. Recife: Bagaço, 2012.

ID. Recife: Bagaço, 2013.

Estrutura da obra. Recife: Bagaço, 2015.

Segunda Edição (título provisório). Recife: Bagaço, 2016.

Prosa: futuro arcaico. Recife: Bagaço, 2016.

A poesia salva a alma. Recife. Edição do autor. 2017.

Semata. Edição do autor. Recife. 2017.

Luz de álgebra. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Poesia sal e âncora. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Poesia sem fim. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Fractália lírica. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

Quiçá, menos luz... Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

Insólita Clepsidra. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

Dicionário de êmbolos e cajados. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

Pálpebras de Pedra. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

Mandíbula Eleata. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: CriAArt, 2021.

LIVROS PUBLICADOS por ordem alfabética

1 - **50 poemas escolhidos pelo autor.** Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2004.

2 - **A Cimitarra e o Lume –** Edição do autor.

3 - **A poesia salva a alma**. Recife. Edição do autor. 2017.

4 - **As Flores da Urbe** (Prêmio Edson Régis – PEN Clube do Brasil – Recife, 1986. Edição Particular, fora de comércio – 30 exemplares – 1990.

5 - **Ave Sólida**. Recife: Bagaço, 2010.

6 - **Bando de Mônadas**. Recife: Bagaço, 2011.

7 - **Borges e Eugénio**. Recife: Bagaço, 2012.

8 - **Burocracial** (vários prêmios, inclusive prêmio ESCRITA de poesia – SP) Edições Pirata – 1982.

9 - **Confissões de Vital Corrêa de Araújo**. Recife: Edição do autor, 2012.

10 - **Coração de Areia** (Prêmio da Academia Pernambucana de Letras), Edições Fundarpe, 1994.

11 - **Crepúsculo do Pênis.** Recife: Edição do autor, 2012.

12 - **Dicionário de êmbolos e cajados**. Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

13 - **Estrutura da obra**. Recife: Bagaço, 2015.

14 - **Fractália lírica.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019.

15 - **Gesta Pernambucana** (Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, Conselho de Cultura da Cidade do Recife, 1985), (Prêmio Nacional, com a maior bolsa financeira do Brasil, integrando a comissão julgadora: Marcus Accioly, Pedro Lyra (UFRJ) e o Editor Cultural do jornal O Estado de São Paulo.

16 - **Gide ou o Desejo**, edição particular, fora de comércio 1995.

17 - **Hímen de Mallarmé.** Recife: Bagaço, 2012.

18 - **Insólita Clepsidra**. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

19 - **ID.** Recife: Bagaço, 2013.

20 - **Kant não estuprou a camareira**. Recife: Bagaço, 2012.

21 - **Luz de álgebra**. Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

22-**Mandíbula Eleata.** Seleção de textos e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: CriAArt, 2021.

23 - **Ora pro nobis scania vabis**. Recife: Bagaço, 2010.

24 - **Pálpebras de Pedra**. Seleção e organização de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2020.

25 - **Palpo a Quimera e o Tremor**. Edições Bagaço. 2009.

26 - **Poemas com Endereço** (antologia, com outros três poetas) Presença Poética Nordeste – 1985.

27 - **Poesia sal e âncora.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

28 - **Poesia sem fim.** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

29 - **Prosa: futuro arcaico**. Edição do autor. 2016.

30 - **Quiçá, menos luz...** Seleção, organização e prefácio de Admmauro Gommes. Aracaju: Criaart, 2019

31 - **Segunda Edição** (título provisório). Recife: Bagaço, 2016.

32 - **Semata.** Edição do autor. Recife. 2017.

33 - **Só às Paredes Confesso.** Edições Bagaço. 2006.

34 - **Título Provisório** (Prêmio de Poesia Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, o mais importante prêmio literário da época) Edição Fundação José Augusto – 1977.

III - A POESIA DE VCA É TEMA CENTRAL NOS LIVROS

A Estranha Poesia de Vital Corrêa de Araújo - Org. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2013.
O futuro da poesia. Org. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2017.
A Teoria da Poesia Absoluta. Admmauro Gommes. Recife: Bagaço, 2017.
Poesia Pernambucana Hoje. Antologia dos poemas de VCA. Seleção, organização e prefácio de Carlos Newton Júnior (UFPE)
O Destino Poético de VCA - do emérito Prof. Sebastien Joachim.
Vate Vital - Admmauro Gommes. Aracaju: Gráfica CriAArt, 2018.

IV - TÍTULOS INÉDITOS:

Ao Vinho (Prêmio BANDEPE/2002 de Poesia, bolsa Financeira de R$ 10.000,00 (livre de impostos), **Diatribe, Diva ode, Falo, Flauta de pássaro, Haicais Heterodoxos, Lance de Búzios, Simulacro, E SOS Esperança**

V - PUBLICADO EM ANTOLOGIAS
(exemplificativo)

Nova Poesia Brasileira – Org. Olga Savary – Editora Imago – RJ, 1991.

Antologia Poética Prêmio Scortecci de Poesia. SP. 1982.

Antologia Poética – Série Imprensa Pernambucana – organizada por Orismar Rodrigues – Editora Comunicarte – AIP. 1994.

Poesia Viva do Recife (homenagem aos 459 anos do Recife) – Edições CEPE, 1996.

The Poetry – Org Teresinka Pereira / Boulder – Colorado / USA

Clube dos 13 – Poemas de Circunstância Volumes I, II e III Edições Pasárgada / FUNDARPE – 1994 (Seleção de 30 poemas de cerca de 300 elaborados em guardanapos em mesas de bares ao longo de 10 anos, com Edgard Powell e outros).

A Fotografia e seu Poema – Exposição 1989 (Flávio Azevedo).

A Pintura e a Poesia – Exposição – Ana Montenegro, 1989.

Coletânea Poesia e Pintura POETAS DA RUA DO IMPERADOR, 1987. Organizada por Vital Corrêa de Araújo (Fundador do Movimento, com Iran Gama e Paulo Bandeira) e outros.

46 Poetas, Sempre. Org. Almir Castro Barros, por delegação da UBE), Edições Bagaço, 2002 – IIII Congresso. Recife Palace Hotel.

Espiral Revista de Literatura, Editor João Dummar Filho, 2002 – Ceará.

Álbum do Recife (organizado por Jaci Bezerra) – 450 anos de fundação da Cidade do Recife – Prefeitura do Recife (tendo o poema Recife do Povo ilustrado pelo pintor João Câmara) – 1987. ·

Poèsie du Brésil, organizada pela poeta e tradutora Lourdes Sarmento, edição bilíngue da Editora Varicuetos/Chemins Scabreux, Paris – 1997

Mormaço e Sargaço (poesia) 1998.

Poemas de Sal e Sol (poesia) 1999, organizadas por Benito Araújo.

Água nos Trópicos – Poetas Contemporâneos, organizada por Lourdes Sarmento e Beatriz Alcântara, dentro do projeto literatura nos trópicos – Editora Bagaço e Governo do Ceará – 2000.

Antologia de Poetas Nordestinos – Organizada por Benito Araújo – Edições Micro/2000.

Fauna e Flora nos Trópicos. Seleta de Poemas. Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento (organizadoras) Secretária da Cultura e Desporto do Estado do Ceará (SECULT) Fortaleza – 2002. Diário do Natal (RN) Suplemento Cultural – Diário Oficial de PE.

ACADEMIAS/ASSOCIAÇÕES

Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro, tendo como patrono de sua cadeira (por escolha própria) o Poeta Paulo Bandeira da Cruz.

Associação de Imprensa de Pernambuco (como membro titular).

PEN Clube do Brasil (Secção de Pernambuco), onde exerceu o cargo de Primeiro Secretário.

UBE-PE, tendo exercido o cargo de Diretor de Imprensa e Diretor-Secretário na gestão de Paulo Cavalcanti, quando reabriu a UBE, em 1984, fechada há mais de 20 anos pela ditadura de 64; o de Tesoureiro, já por sufrágio, na 1ª eleição (25.12.1984), após o ressurgimento da UBE, em que Paulo Cavalcanti foi eleito presidente, e Diretor e Administrador Geral desde 1995. Em 17.01.2003, foi eleito Presidente da UBE. · Diretor Administrativo da AIP, eleito em 2005.

Prêmio com bolsa Financeira Jornal da Cidade de Bauru-SP, 1976.

UBE-GO – Concurso CIAASA Poemas de Amor (1984)

Revista ESCRITA-SP – 1984;

Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura do Natal – 1977;

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, do Conselho Municipal de Cultural, da Prefeitura da Cidade do Recife – 1985;
Academia Pernambucana de Letras – 1994 / 2000 / 2007.
PEN CLUBE DO BRASIL – Secção de Pernambuco – Prêmio Édson Régis – 1986.
Prêmio BANDEPE de Poesia 2002 (Valor líquido da bolsa: R$ 10 mil) entregue em solenidade no Arcádia Apipucos, em 21/03/2002.

VI - CONFERÊNCIAS E PALESTRAS

Conferencista do painel coordenado pelo advogado Urbano Vitalino, em que discorreu sobre o tema POESIA: O Mistério da Palavra, ao lado do poeta Carlos Nejar, no dia 24/10/2001, na 3ª Feira Internacional do Livro.
Palestra sobre poesia em evento cultural do SINDIFISCO, em Recife (1998).
Palestra sobre poesia em evento cultural da Secretaria da Fazenda. (1997).
Explanação sobre poesia para 35 alunos do curso primário do Colégio São Luís (sede da UBE) / 1999.
Palestra sobre Poesia Moderna, em várias instituições.

Palestra sobre Poesia Pernambucana, em Dusseldorf (Alemanha) 1987/1999.

Palestra sobre Poesia Brasileira, em Caracas (Venezuela) na Livraria El Ateneu, (Teatro Colón) em 1996.

Palestras como Presidente da UBE em eventos diversos, congressos, festivais, como Flig e Fliporto.

Integrante de Comissão Julgadora de CONCURSOS CETEPE de Poesia (com Paulo Bandeira da Cruz e Iran Gama).

Prêmio Otoniel Menezes, da Prefeitura Municipal do Natal, 1978.

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior, da Prefeitura da Cidade do Recife – 2002.

Biblioteca Pública de Afogados (2002), com Lucilo Varejão Neto e Heloisa Arcoverde. 2004 e 2005.

Prêmio Carlos Pena Filho, do Bar Savoy e Commercio Cultural, com Marco Pólo e Bezerra de Lemos, entregue no lançamento do Livro de Carlos, de Edilberto Coutinho.

Concursos literários da SEFAZ-PE, UBE e Diário da Manhã (do qual foi editor por 3 anos do caderno cultural).

VII - ENCICLOPÉDIAS / DICIONÁRIOS / INSTITUIÇÕES

Integra:

Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza (1ª edição) e Atual edição (Global Editora 2001), revista, ampliada e atualizada por Graça Coutinho e Ria Moutinho.

Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (Leodegário A. de Azevedo Filho).

Dicionário Bibliográfico de Poetas Pernambucanos, organizado por Lamartine Morais – Fundarpe, Recife/1993.

Membro-correspondente da Revista ELAN (Poétique, Littéraire et Pacifist), editada por Louis Lippens, há 50 anos, sendo o único representante brasileiro desde 1987, ao lado de outros de 71 países.

Foi correspondente do lendário jornal alternativo Nação Cariri, editado no Ceará, pelo poeta Rosemberg Cariri.

Foi Primeiro-Secretário (em 2001) do Rotary Santana (Recife), de que foi fundador.

Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha (Renânia do Norte / Vestfália / Solingen / Dunsseldorf sobre Sistema de Arrecadação – Jun/Out, 1987).

Curso de Aperfeiçoamento (Política e Realidade Sindical Latino-Americana) na UTAL – Universidade dos Trabalhadores da América Latina,

da CLAT – Central Latino-Americana de Trabalhadores, no período de 07 a 27 de abril de 1991 (Caracas – Venezuela).

Curso de Aperfeiçoamento na Alemanha, na Escola Fazendária de Haan / Renânia do Norte / Vestfália, sobre Inteligência Fiscal – 1995.

Liderou grupo de 30 brasileiros e foi Instrutor em curso de Sindicalismo Moderno, na UTAL / CLAT, San Antonio de los Altos – Venezuela, 1996.

Liderou grupo de 50 Auditores Fiscais de 16 estados brasileiros, que participaram de curso na Alemanha (Escola Fazendária de Haan, Renânia do Norte-Vestfália), de 20/08 a 15/09/1999.

VIII - HOMENAGENS / COMENDAS / DIPLOMAS

ASCDESF – Associação Socioculturall dos Docentes do Ensino Superior da FUNESO. "Poema esculpido no pedestal da estátua de Augusto dos Anjos, juntamente com poemas de Marcus Accioly e Mauro Mota (o último que ele criou), que está ereta na Praça da República e foi obra de Abelardo da Hora e Luiz Pessoa.

UBE – RJ

UBE – São Paulo

Comenda do Governo do Estado de Pernambuco e do Gabinete Português de Leitura.